

O Partido Comunista do Chile e o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética: pela “via pacífica” e contra o “realismo socialista”

Carine Dalmás¹

Resumo: O artigo procura identificar o impacto político e cultural das revelações do XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) no Partido Comunista do Chile (PCCh) ao longo do ano de 1956. Para esse fim, foram analisados textos publicados na imprensa partidária que tinham por objetivo avaliar as resoluções aprovadas no evento, explicar as denúncias contra Stalin ou formular propostas relacionadas ao papel da cultura e das artes para o partido. A partir disso, verificou-se a aceitação da nova estratégia revolucionária adotada pelo PCUS — a via pacífica —, enquanto as concepções culturais defendidas entre os críticos de arte e militantes comunistas chilenos desencadearam a ruptura com as diretrizes culturais soviéticas.

Palavras-chave: Partido Comunista do Chile, XX Congresso do PCUS, cultura.

Résumé: L'article vise à identifier l'impact culturel et politique des révélations du XXe Congrès du Parti Communiste de l'Union Soviétique (PCUS) dans le Parti Communiste du Chili (PCCh) pendant l'année 1956. À cette fin, nous analysons les textes publiés dans la presse du parti, afin d'évaluer les résolutions approuvées dans l'événement, pour expliquer les allégations portées contre Staline et de faire des propositions concernant au rôle de la culture et les arts. De cela, nous vérifions l'acceptation de la nouvelle stratégie révolutionnaire adoptée par le PCUS — la “voie pacifique” — alors que les hypothèses culturelles organisées parmi les critiques d'art et militants communistes chiliens ont lancé une rupture avec les directives culturelles soviétiques.

Mots-clés: Parti Communiste du Chili, XXe Congrès du PCUS, culture.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP). Título da pesquisa: Política e cultura na imprensa do Partido Comunista do Brasil e do Partido Comunista do Chile (1935-1956). Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). Endereço: Av. Ipiranga, 200, Bl. E, ap. 61. CEP: 01046-010, São Paulo – SP. E-mail: cadalmas@yahoo.com.br

Pablo Neruda relata em suas memórias:

A verdade é que as revelações sobre a época stalinista haviam quebrantado o ânimo de Jorge Amado. Somos velhos amigos, compartilhamos anos de desterro, sempre tínhamos nos identificado numa convicção e esperança comuns. Mas creio que eu era menos sectário. Minha natureza e temperamento de meu próprio país me inclinavam a um entendimento com os outros. Jorge, pelo contrário, tinha sido sempre rígido. Seu mestre, Luís Carlos Prestes, passou cerca de quinze anos de vida preso. São coisas de que não se pode esquecer e que endurecem a alma. Eu justificava ante mim mesmo, sem compartilhá-lo, o sectarismo de Jorge.

O informe do XX Congresso foi uma onda que nos empurrou, a todos os revolucionários, para situações e conclusões novas. Alguns de nós sentimos brotar da angústia engendrada por aquelas duras revelações o sentimento de que nascíamos de novo. Renascíamos purificados das trevas e do terror, dispostos a continuar o caminho com a verdade na mão. (NERUDA, s/d, p. 246-247)

A reflexão sintetizada pelo poeta comunista chileno, no trecho acima, contrapõe características recorrentemente atribuídas à prática política e à reação do Partido Comunista do Brasil (PCB)² e do Partido Comunista do Chile (PCCh) frente ao XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), realizado em fevereiro de 1956: a “rigidez” e o “sectarismo”, do primeiro, e o caráter “conciliatório” e “renovador”, do segundo. Neste artigo procuraremos abordar o impacto político e cultural do XX Congresso do PCUS entre os comunistas chilenos e a forma como o caráter “conciliatório” e “renovador” do PCCh se expressou nos informes e artigos publicados na revista teórica *Principios* e no jornal diário *El Siglo*³.

O XX Congresso do PCUS ocorreu entre 14 e 26 de fevereiro de 1956, três anos depois da morte de Stalin, e marcou o início do processo de “desestalinização” de muitos partidos comunistas. No último dia do evento e de portas fechadas, Nikita Krushov, secretário-geral do PCUS, realizou um discurso secreto denunciando as violências, os expurgos e as limitações às liberdades impostas à sociedade soviética durante o governo de Stalin. O impacto dessas acusações foi descrito

2 Cabe esclarecer que o PCB foi fundado em 25 de março de 1922 e seguiu a tradição marxista-leninista. Seu nome original era Partido Comunista do Brasil. Divergências internas, acentuadas a partir do XX Congresso do PCUS, provocaram uma crise no PCB. No V Congresso do Partido Comunista do Brasil, em 1960, várias mudanças ocorreram, dentre elas, a alteração de seu nome para Partido Comunista Brasileiro. A intensificação das divergências levou à cisão entre seus membros, resultando, em 1962, na criação do PC do B, que retomou o antigo nome Partido Comunista do Brasil e passou a seguir orientação maoísta. Abordaremos, portanto, um período anterior da história do PCB, quando ainda se chamava Partido Comunista do Brasil.

3 A *Principios* foi publicada entre 1935 e 1973. No editorial de seu primeiro número, de abril de 1935, foi classificada como uma revista marxista, convergente com o projeto de formação de uma frente única antifascista no Chile. Apenas em 1939, passou a ser considerada como publicação do órgão do Comitê Central do PCCh. O jornal diário *El Siglo* foi criado como publicação de ampla tiragem do PCCh a partir de 1940, mesmo ano em que os comunistas romperam sua aliança com o Partido Socialista do Chile (PSCh) e afastaram-se do governo da Frente Popular. Esse periódico foi publicado regularmente até 1948, quando o PCCh foi posto na ilegalidade. Entre setembro de 1949 e outubro de 1952 o *El Siglo* passou a ser publicado com o nome de *Democracia*, para burlar a censura do governo do presidente Gabriel González Videla. Em 25 de outubro, com a flexibilização da perseguição aos comunistas pelo presidente recém-eleito Carlos Ibáñez, o *El Siglo* voltou a ser publicado ininterruptamente até 1973. No ano de 1956, ambos eram os principais periódicos do PCCh.

recentemente pelo historiador David Priestland em sua análise sobre a história política e cultural do movimento comunista:

Los asistentes al congreso se quedaron de piedra. Acostumbrados a discursos pesados e inane cargados de clichés ideológicos, no podían creer lo que oían. Los jefes más ancianos del partido, percibiendo su impacto incendiário, buscaron sus píldoras para el corazón; pero el discurso era también, por supuesto, fundamentalmente inconsecuente, ya que resultaba extremadamente difícil condenar lo que había hecho Stalin a partir de 1934 sin desacreditar todo el sistema construido. Además, como bien sabía Jruschov, el discurso “secreto” no podía quedar confinado en el aparato del PCUS y acabaría siendo ampliamente conocido. Pronto hubo toda una carrera de discursos “demagógicos” y se derribaron estatuas de Stalin, mientras en Georgia se producían manifestaciones en defensa de su compatriota deshonrado... (PRIESTLAND, 2010, p. 327).

De maneira breve e irônica, o autor dimensionou a sensação de desmoronamento político-ideológico deflagrada pelo XX Congresso⁴ e as contraditórias reações que dele resultaram. Porém, mesmo que Priestland tenha pretendido, como outros autores, realizar uma história mundial do comunismo, os efeitos desse acontecimento entre os partidos comunistas latino-americanos não foram devidamente mencionados.

Na América Latina, as denúncias contra Stalin repercutiram de maneiras distintas e condizentes com as peculiares trajetórias dos partidos comunistas de cada país. No PCB, por exemplo, as análises sobre essa questão enfatizaram a séria crise entre o Comitê Central (CC) e os militantes comunistas motivada pelo silêncio da direção em relação às revelações de Krushov. Os resultados, no caso brasileiro, foram: uma radical reavaliação do caráter sectário da linha política do partido; a denúncia das consequências do culto à personalidade de Luiz Carlos Prestes; o afastamento de muitos militantes e, por fim, a cisão da organização no começo da década de 1960.⁵ Foi nessa época, aliás, que a rigidez do escritor Jorge Amado voltou-se contra o PCB levando-o a escrever romances desligados da orientação política e cultural do partido.⁶

Sobre o tema da desestalinização e, mais especificamente, sobre o impacto do XX Congresso no PCCh, encontramos notas esparsas em relatos autobiográficos de militantes, como as de Pablo Neruda citadas inicialmente, ou menções rápidas na escassa bibliografia sobre a trajetória do partido nos anos 1950. A principal motivação para que buscássemos um olhar mais aprofundado sobre o tema foi a percepção da discrepância entre a desestruturação gerada pelo XX Congresso no

4A partir de agora sempre que nos referirmos ao XX Congresso do PCUS usaremos apenas “XX Congresso”, com o fim de proporcionar maior fluidez à leitura.

5Como referências à compreensão do impacto político e cultural do XX Congresso no PCB sugerimos, respectivamente: Raimundo Santos (2007) e Denis de Moraes (1994).

6 Nossa compreensão sobre a trajetória de Jorge Amado junto ao PCB foi orientada pelas memórias do autor e pela tese de doutorado defendida recentemente por Julia M. Barbosa. Ver: Jorge Amado (1992) e Julia Monnerat Barbosa (2010).

PCB e a natureza amena dos relatos sobre seu impacto no PCCh⁷. Por isso, recorreremos à revisão da cobertura do evento realizada pelos periódicos comunistas chilenos ao longo de ano de 1956 e, simultaneamente, tentamos identificar possíveis repercussões nas concepções políticas e culturais do partido.

A imprensa do PCCh foi o espaço privilegiado de divulgação das formulações, críticas e debates realizados por dirigentes, militantes, artistas e intelectuais comunistas sobre a política e a produção cultural do Chile, da América Latina e mundial, entre 1936 e 1956. A formação da *Frente Popular*⁸, em 1936, e a participação dos comunistas nos governos até 1948 estimularam a aproximação de um grande número de intelectuais ao partido e a estruturação de jornais diários com suplementos culturais, que serviram de suporte para divulgação, crítica e desenvolvimento de propostas artístico-literárias de acordo com a linha política do momento. Sendo assim, o significado e a abrangência que a questão cultural assumiu gradualmente na rede de jornais e revistas do PCCh e o seu caráter claramente político-ideológico⁹ tornaram esse material um documento essencial às pesquisas sobre o período compreendido entre os anos 1930 e 1960.

Inicialmente, podemos afirmar que a revisão dos periódicos comunistas do Chile revelou uma abordagem informativa e conciliatória no que tange à repercussão política e doutrinária das denúncias proferidas contra Stalin e seu regime. Entretanto, a crítica de arte veiculada na imprensa partidária a partir de março de 1956 aponta para certa ruptura com os parâmetros artísticos soviéticos que se desdobrou em uma dura crítica ao “realismo socialista” e em propostas de adoção de novos paradigmas culturais.

1. O impacto político do XX Congresso do PCUS no PCCh

Em suas lembranças, Luis Corvalán (secretário-geral do PCCh entre 1958 e 1989)

7 O PCB é recorrentemente citado neste artigo, pois o mesmo é derivado da pesquisa de doutorado que analisa, em perspectiva comparada, as concepções políticas e culturais do PCB e do PCCh entre 1935 e 1956.

8 A coligação da *Frente Popular* no Chile reuniu o Partido Radical (PR), o Partido Socialista do Chile (PSCCh), o Partido Democrático e o PCCh. Sua formação foi motivada pelo contexto político de organização de frentes antifascistas, como aconteceu também na França e na Espanha na mesma época. Liderada pelo radical Pedro Aguirre Cerda, a *Frente Popular* venceu as eleições presidenciais chilenas de 1938. As referências sugeridas para compreensão desse governo são: Moulian (2006) e Milos (2008).

9 A historiadora Maria Helena Rolim Capelato aprofunda a discussão teórico-metodológica a respeito do uso do jornal como fonte de pesquisa ao tratar da atuação da imprensa liberal paulista entre 1920 e 1945, mas suas observações são igualmente válidas para os periódicos comunistas. Segundo a autora, a caracterização de um periódico não se restringe ao conteúdo dos textos, pois sua forma deve ser ainda levada em conta (diagramação, composição de títulos, subtítulos e manchetes, localização dos textos informativos e opinativos, imagens, fotos, anúncios, periodicidade, número de páginas, corpo redacional) para a compreensão não só da linha político-ideológica, mas também dos recursos utilizados para atingir determinado público ao qual o periódico se destina. A maneira como a autora demonstra a construção do discurso e do papel político dos jornais, relacionando a materialidade e o conteúdo, é endossada na nossa análise, tendo em vista que tratamos de periódicos de forte caráter ideológico e político (CAPELATO, 1986, p. 24-26; p.56)

reconheceu o impacto individual gerado pela revelação dos crimes de Stalin e, ao mesmo tempo, reafirmou a tranquilidade com que a organização superou o problema:

Tuve, pues, la oportunidad y el honor de asistir a ese histórico Congreso en el cual se denunció el culto a la personalidad y se bajó del pedestal la figura de Stalin. El hecho conmocionó al mundo entero y especialmente a los partidos comunistas que se habían educado en la veneración de aquel hombre. La “desestalinización” del Partido Comunista de Chile ocurrió sin problemas, pero no sin dolores individuales. Cual más cual menos de nosotros habíamos leído sus obras y lo mirábamos y admirábamos como representante del Partido que había abierto a la humanidad la era del socialismo y del pueblo que había aplastado al fascismo. No teníamos idea de sus crasos errores o los tomábamos como invención del enemigo. Un obrero comunista de Valparaíso le escribió a Galo González¹⁰ una carta, en la cual decía que no podía creer lo que afirmaba la prensa de aquellos días. (CORVALÁN, 1997, p. 59)

O encaminhamento imediato da discussão sobre o XX Congresso e a sua difusão por meio da imprensa partidária podem ser considerados fatores que amenizaram o impacto político-institucional entre os militantes comunistas chilenos, tendo em vista que o partido orientou a discussão desde o início. No entanto, a relação política conciliatória e até de complementaridade que os comunistas chilenos mantiveram com o partido e o governo soviético até o fim de 1956 merece uma abordagem mais atenta.

O jornal diário *El Siglo*, menos de um mês depois do encerramento do XX Congresso, iniciou a publicação de uma série de dez textos divididos entre artigos de opinião e informes, de evidente intenção informativa, esclarecedora e, sobretudo, de reafirmação de sua linha política.

O primeiro informe publicado no jornal data de 21 de março de 1956 e é de autoria de Luis Covalán, que, na época, ainda era apenas membro da comissão política do PCCh tendo representado o partido no XX Congresso. Seu texto abordou a denúncia sobre os prejuízos e as contradições político-ideológicas presentes na prática do culto à personalidade de Stalin. Para isso, realizou um balanço das acusações e identificou os equívocos teóricos de Stalin que acreditava na inevitabilidade da guerra entre comunistas e capitalistas. No entanto, a responsabilidade pelos crimes cometidos contra os opositores internos e externos Corvalán atribuiu, sobretudo, aos “inimigos disfarçados de comunistas”, especialmente, a Beria (responsável pelos órgãos de segurança do regime). Dessa maneira, tentou preservar a União Soviética e o comunismo ressaltando a capacidade de “autocrítica” de seus novos líderes como expressão da integridade e da força do regime, afirmando que a sua natureza coletiva não havia sido alterada. Nessa perspectiva, concluiu taxativamente: “Stalin fue y es una gran figura del comunismo y del Estado soviético. Hizo grandes cosas y cometió errores. Eso es todo”. (EL SIGLO, 21/03/1956, p.4).

10 Secretário-geral do PCCh em 1956.

Os informes oficiais que se seguiram também criticaram a prática do culto à personalidade de Stalin e defenderam a necessidade de reestruturação de uma direção coletiva para o PCUS. Foram ressaltadas as diferenças entre os líderes soviéticos que reprovaram a centralização excessiva das decisões do PCUS e os que apoiaram o governo de Stalin. (EL SIGLO, 25/03/1956, p. 12).¹¹ No geral, os informes oficiais publicados enfatizaram, acima de tudo, as expectativas positivas relacionadas à realização do VI Plano Quinquenal e a simultânea restauração da democracia, além da adoção da estratégia de luta pela “via pacífica”.¹²

Os demais textos publicados no *El Siglo* dividiram-se entre posicionamentos de representantes de outros partidos comunistas relevantes no cenário internacional¹³ e um balanço político anual que teve como eixo o significado do XX Congresso para o movimento comunista internacional. (EL SIGLO, 31/12/1956, p. 3). As argumentações também variaram quanto à identificação dos “erros” que permitiram o culto à personalidade, buscando-se, muitas vezes, reduzir o papel de Stalin. Houve certa ênfase no perigo do uso contrarrevolucionário das revelações e, exceto no texto de Victorio Codovilla, prevaleceu, nas argumentações, um tom explicativo e justificatório, corroborado pelas positivas expectativas em relação ao reordenamento da URSS, expresso no texto do redator do *El Siglo*, Julio Iturra, que encerrou o debate sobre o tema em 1956.

A revista *Principios* publicou os informes na íntegra e, dentre eles, destacamos o resumo das resoluções do XX Congresso conforme foi apresentado pelo PCUS (PRINCIPIOS, mar-abr. 1956, p. 20-21) e um relato da discussão do pleno do CC do PCCh a respeito da influência do culto à personalidade no próprio partido. (PRINCIPIOS, sept. 1956, p. 1-3). Este foi o documento que proporcionou elementos mais claros para pensarmos o impacto político, institucional e doutrinário do XX Congresso no PCCh.

Na plenária do CC realizada depois do XX Congresso, a direção do PCCh negou a prática

11 Apresentamos a referência completa apenas do primeiro fragmento do informe, pois ele foi publicado em quatro partes. As demais constam na relação das fontes presentes no final deste texto.

12 Essa via política foi constituída, principalmente, a partir das teses do XX Congresso da União Soviética em 1956. Nesse congresso desenvolveu-se o princípio da coexistência pacífica entre países de sistemas sociais opostos, no caso, entre capitalistas e comunistas, tendo em vista o contexto da Guerra Fria. O que estava em questão era a tentativa de estabelecer melhores relações entre URSS e EUA, sustentando-se que a luta violenta não era inevitável para a transição ao socialismo. Constatada a amplitude das lutas das camadas populares contra o perigo da guerra, os trabalhadores eram vistos como uma das principais forças motrizes para evitar a guerra, desde que atuassem como força organizada e unida. Deve-se ter em vista que se tratava de um momento em que o mundo acabava de sair de uma guerra mundial e clamava-se pela paz internacional. A tese da via pacífica, conforme defendeu a URSS nesse congresso, dividiu o mundo comunista entre o PCUS e o Partido Comunista Chinês. Este último criticava o projeto da via pacífica porque acreditava que isso desanimaria muitos movimentos revolucionários de tentar a tomada do poder em alguns países, já que tudo acabaria em um acordo feito entre os dois principais países dos blocos capitalista e socialista. A historiadora Elisa de Campos Borges, na dissertação de mestrado em que abordou o projeto da via chilena ao socialismo do Partido Comunista Chileno, apresenta uma síntese dos principais autores que abordam a questão da via pacífica ao socialismo e demonstra a especificidade da leitura do PCCh a respeito dessa estratégia. (BORGES, 2005, p. 54-56).

13 Os autores desses textos são os seguintes: William Z. Foster (20/05/1956); Victorio Codovilla (01/07/1956); J. M. Hermann (03/07/1956); e Pierre Courtade (06/09/1956).

do culto à personalidade de lideranças comunistas chilenas, mas reconheceu a supervalorização da pessoa, das práticas políticas e das formulações teóricas de Stalin. Tal prática teria gerado uma excessiva centralização diretiva em diferentes segmentos partidários que exigia uma luta tenaz contra o sectarismo, baseada em uma profunda autocrítica a respeito da estrutura organizativa do partido. Além disso, propunham-se a realizar um estudo crítico das obras de Stalin para superar o dogmatismo.

Reconhecidos os erros, ainda na plenária, a direção partidária enfatizou as corretas análises marxistas da realidade nacional que teriam tornado o PCCh um protagonista das políticas de unidade que resultaram na formação e eleição dos representantes da *Frente Popular* (1936-1941) e da *Aliança Democrática* (1942-1946).¹⁴ Na avaliação do CC, esse diferencial demarcava o potencial criador do comunismo chileno e deveria “basarse en la realidad latinoamericana y chilena para trazar nuestro próprio camino hacia la liberación nacional y el socialismo y así, aplicar el marxismo leninismo con espíritu creador”. (PRINCIPIOS, sept. 1956, p. 2). Ainda assim, os comunistas chilenos adotavam uma política de defesa da soberania nacional e essencialmente anti-imperialista, porém, ressaltando que isso não significava desconsiderar a importância do exemplo pioneiro da URSS e da solidariedade internacional.

A leitura realizada pelo PCCh sobre as revelações e resoluções do XX Congresso demonstrou a disposição partidária à crítica e à autocrítica, sem perder de vista, todavia, a necessidade de preservar sua imagem e representatividade nacional. Nesse sentido, propôs-se a realizar uma reavaliação política e doutrinária relacionada com a influência do stalinismo no partido e, ao mesmo tempo, valorizou a adoção, pelo PCUS, da “via pacífica” como estratégia de luta revolucionária com o objetivo de reafirmar e reforçar a política de *Unidade Nacional*, retomada em 1952 com a formação da Frente Nacional do Povo (FNAP).

O programa da FNAP baseou-se na defesa da luta política pela via eleitoral e na formação de coligações lideradas pelos partidos marxistas (PCCh e o PSCh), tendo em vista os duros golpes sofridos pelos comunistas nas alianças lideradas pelo Partido Radical (PR).¹⁵ Os fundamentos dessa estratégia encontravam-se no *Programa de Emergencia* redigido por Galo González, secretário-geral do PCCh, no contexto de luta contra frações rupturistas do partido e de um esforço sistemático para unir todas as forças de oposição contra o governo autoritário de Gabriel González Videla e suas

14 A Aliança Democrática foi a coligação de centro-esquerda (PR, PCCh e PSCh) que elegeu o presidente Antonio Ríos sob a plataforma política de Unidade Nacional. Tomás Moulian (2006) elabora uma interessante síntese das forças envolvidas, dos interesses em jogo e da intensificação do anticomunismo durante esse governo. Cabe lembrar que em 1948 o PCCh perdeu seu registro legal e passou a atuar na clandestinidade.

15 O PR, ao longo da década de 1940, protagonizou uma política anticomunista que colocou o PCCh na ilegalidade entre 1948 e 1958. (HUNEEUS, 2009).

políticas antidemocráticas. (CASALS, 2010, p. 45). O principal objetivo desse plano era levar a cabo de maneira coletiva as tarefas da revolução democrático-burguesa, pois tanto a condição de clandestinidade quanto o alinhamento do PCCh à política do movimento comunista internacional de manutenção da paz e da coexistência pacífica constituíram motivações imediatas para tal política. (DAIRE, 2010, p. 144-145).

A formação da Frente de Ação Popular (FRAP), criada em 29 de fevereiro de 1956 a partir de uma aliança política e eleitoral entre o PCCh e o PSCh, representou a concretização desse projeto antes mesmo do conhecimento das resoluções e denúncias do XX Congresso. Porém, conforme afirmou Alonso Daire:

Solamente después del XX Congreso del PCUS y en el X Congreso del PC de Chile es cuando el problema de las alianzas recibe un fuerte impulso teórico con las necesarias precisiones antes ausentes y polémicas. Existió, además, la necesidad de robustecer teóricamente el tema para presentarlo ante las otras fuerzas de izquierda con claridad y para evitar las confusiones que con este asunto se habían producido en sectores de la militancia. (DAIRE, 2010, p. 128).

Em 1956, o PCCh encaminhava-se para o retorno à legalidade, ao mesmo tempo que as perseguições do governo Ibáñez (1952-1958) ao movimento operário o reaproximava do PSCh. A insatisfação dos trabalhadores estimulou os principais partidos marxistas chilenos — PCCh e PSCh — a apostarem em uma aliança programática — a FRAP — que os permitissem ganhar o governo com um programa socialista. Esta era a atmosfera política que estava aberta aos comunistas chilenos quando aconteceu o XX Congresso.

Desse modo, parece-nos que a tentativa comunista de conciliar a crítica ao PCUS com uma autocrítica sobre o centralismo organizacional do partido, sobretudo, a partir de 1948, era condizente com as pretensões eleitorais que exigiam uma organização capaz de atrair e orientar as “massas”. Por outro lado, a ênfase dada ao fato de que o PCCh havia adotado uma linha política que se antecipou à via pacífica formulada no XX Congresso, mas que era coerente com ela, atestava sua pretensa originalidade, seu arraigado caráter nacional e a função complementar atribuída aos parâmetros do movimento comunista internacional na sua prática política.

2. O XX Congresso do PCUS e a “questão cultural” no PCCh

A expressão do stalinismo no campo artístico e cultural foi a defesa, e tentativa de difusão, da concepção cultural traduzida no “método criador” do chamado “realismo socialista”. Instituído oficialmente na URSS depois do I Congresso de Escritores, em 1934, o “realismo socialista”

significou o estabelecimento de regras fixas para a produção artística, cuja aplicação deveria ser garantida pelos censores culturais do partido: exigia-se do artista uma representação verídica e historicamente concreta da realidade em seu desenvolvimento revolucionário. Além disso, era necessário que esse caráter verídico e historicamente concreto estivesse de acordo com o dever de transformação e educação das “massas” no espírito do socialismo. (ROBIN, 1986, p. 40).

Este conceito significou uma resposta à preocupação dos artistas e intelectuais ligados ao regime stalinista em criar uma “cultura soviética” conforme a utopia política que ela representava. A princípio, o “realismo socialista” foi assimilado com certa flexibilidade porque a grande preocupação dos comunistas, naquele momento, era mobilizar a sociedade para a luta antifascista e a marcha à Segunda Guerra Mundial. (ROBIN, 1986, p. 37). Com o início da Guerra Fria, em 1948, o controle da ação cultural se fortaleceu: o centralismo repressor jdanovista, que colocava o partido como único centro produtor de ideias, passou a ser posto em prática com maior rigor também no âmbito da cultura. (MORAES, 1994, p. 123).

De uma obra de arte produzida de acordo com o “realismo socialista” esperava-se a representação do *otimismo revolucionário* (a crença inabalável na vitória do proletariado); a criação de *heróis positivos*, ou seja, a representação de um operário-padrão, o revolucionário idealizado sem contradições e o *romantismo revolucionário*. Os temas das obras deveriam girar em torno da vida dos operários e camponeses, transformados em figuras épicas.

A principal “matéria-prima” para a elaboração de uma obra de arte seria o *narodnost*, que no discurso do escritor Máximo Gorki, que havia presidido o I Congresso de Escritores Soviéticos, variou entre a ideia de “cultura popular” e o folclore, definidos em contraposição à “cultura burguesa”, ou dita “decadente”. (RONBIN, 1986, p. 81-83). No *narodnost* o escritor soviético deveria encontrar os heróis positivos de seus romances e colocá-los em simbiose com o “espírito de partido”.¹⁶ Ou seja, elementos como o folclore, ao mesmo tempo que deveriam servir como fonte de inspiração, só podiam ser aceitos se normatizados, organizados e controlados, para realizar seu principal objetivo: educar as massas.

O realismo socialista nasceu, assim, como crítica literária e, em seguida, se tornou parâmetro para o julgamento das obras de arte em geral. Gradualmente o conceito acabou se voltando para uma concepção burocrática e administrativa da produção cultural, com noções estéticas que variavam em função do objetivo político. Diversos críticos de arte comunistas passaram a avaliar as

16 As discussões que culminaram na formulação do “realismo socialista” iniciaram logo após a morte de Lênin, em 1924. No documento “Sobre a política do partido no campo literário”, produzido pelo CC do PCUS em 1925, atribuiu-se ao partido a função de orientar a política cultural em consonância com os “objetivos estratégicos da revolução”. (STRADA, 1987, p. 204).

obras baseados numa concepção dogmática do juízo estético, isto é, no partidarismo; nessa perspectiva, a “boa obra” expressaria sempre o ponto de vista do partido. (STRADA, 1987, p. 184-185).¹⁷

Os debates realizados em uma mesa redonda promovida para comemorar os 60 anos do PCCh foram publicados na revista *Araucaria de Chile* (1982, p. 23-75) e atestaram que, até o início da década de 1960, as concepções culturais defendidas no partido dialogaram com os parâmetros do “realismo socialista”.

De fato, a revisão e a análise das críticas culturais veiculadas na imprensa comunista chilena têm demonstrado que, a partir de 1935, escritores, ideólogos e/ou expoentes soviéticos do “realismo socialista”, como Máximo Gorki, Alexandr Fadeiev e Andrei Jdanov, foram constantemente referendados como parâmetros para a crítica e a produção cultural. Grupos de escritores comunistas, como os que se formaram junto à *Geração de 1938*, procuraram realizar uma literatura de acordo com o “realismo socialista”. Entretanto, nas críticas e análises das produções artísticas publicadas no *El Siglo* logo depois do XX Congresso, identificamos uma ruptura abrupta com tais concepções culturais soviéticas que se expressaram por meio da contestação do “realismo socialista”; da valorização do contato com o povo e da “arte popular”; da busca da autenticidade cultural latino-americana; e da valorização do caráter revolucionário do folclore sob novas perspectivas teóricas.

2.1 O realismo socialista como arte “degenerada”

Em 1956, o crítico de arte Gabriel Mucchi iniciou a contestação ao “realismo socialista” no jornal *El Siglo* afirmando que a opção por uma representação artística realista não poderia ser considerada como sinônimo de uma boa arte e classificou esse tipo de visão como um erro ideológico. Para o autor, a qualidade estética da obra devia ser observada, mesmo que se tratasse de uma representação abstrata. (EL SIGLO, 25/03/1956, p.2).

Artigos subsequentes elaboraram críticas ao “realismo socialista” analisando obras literárias consideradas expoentes ou basilares dessa proposta estética. O autor que assinava seus textos com a abreviatura “J.S” analisou e desqualificou algumas obras inspiradas no “realismo socialista” ao

¹⁷ Além de Gorki, o escritor Alexei Fadeiev e o representante do Comitê Central do PCUS, Andrei Jdanov (secretário de Stalin para questões artísticas), foram as vozes oficiais que definiram o “realismo socialista”. O filósofo húngaro Georg Lukács, de maneira extra-oficial, estimulou o debate conceitual sobre o “realismo socialista” na revista *Literaturni Kritik*, dirigida por ele e Lifschitz, que circulou na URSS entre 1933 e 1940. Na revista, foram divulgados os primeiros estudos consistentes a respeito das ideias estéticas de Marx e Engels, e nela foram publicados textos de alto nível reflexivo sobre o “método” do “realismo socialista”. Porém, a profundidade alcançada pelo debate estético veiculado por *Literaturni Kritik* e a crítica ao que se chamou “sociologia vulgar” dos teóricos *rappistas* tornaram-se, segundo Strada, um problema doutrinário, porque intervinham diretamente na política literária soviética do novo período. Em 2 de dezembro de 1940 a revista foi fechada a partir de uma resolução do CC do PCUS.

longo de 1956. Dentre esses textos, julgamos pertinente destacar a análise sobre o livro *A Derrota* (1927), de Alexandr Fadeiev (EL SIGLO, 28/10/1956, p. 2) e a avaliação acerca do legado do escritor russo do século XIX, Nicolás G. Chernichevsky, e sua influência na crítica cultural dos bolcheviques (EL SIGLO, 11/11/1956).

“J.S” inicia explicitando seu reconhecimento a respeito do significado político e cultural do realismo do livro *A Derrota* e de seu autor, para, em seguida, apontar, na maneira como o protagonista do romance era representado, uma apologia à prática do culto à personalidade. Além disso, chamou a atenção do leitor para o caráter compacto de sua prosa pouco emotiva e cheia de lugares-comuns, o que na sua visão era próprio das tendências literárias preocupadas em descrever o “homem novo que o Partido e a sociedade soviética deviam moldar”. Para “J.S”, Fadeiev teria sido valorizado pelo regime somente porque adequou a sua produção como escritor ao “realismo socialista”. Para encerrar a análise, lembra que tal notoriedade rendeu ao autor de *A Derrota* o posto de organizador da “frente literária soviética” e, sendo assim, teria sido responsável por atitudes injustas e os juízos sectários frente a muitas obras de arte e seus produtores.¹⁸

O texto de “J.S” sobre Chernichevsky buscou revelar a origem do caráter dogmático das concepções soviéticas a respeito das artes que se materializaram no “realismo socialista”. De acordo com o crítico, os bolcheviques encontraram na obra desse pensador os argumentos necessários para atacar a “arte burguesa” e justificar suas formulações sobre o realismo. No pensamento estético de Chernichevsky, “J.S” identificou critérios utilitaristas e ingênuos de avaliação de uma obra de arte que teriam redundado no didatismo e no mau gosto que caracterizaram o projeto estético do realismo socialista, ao qual se referiu, ironicamente, como “realismo degenerado”. Para o crítico, o principal resultado das apropriações dos legados estéticos de Chernichevsky entre os bolcheviques teria sido a formação dos “engenheiros das almas” do governo de Stalin.¹⁹

A ruptura com o “realismo socialista” do período stalinista e com seus ícones, como Alexandr Fadeiev, expressou-se também pela ênfase dada a figuras culturais polêmicas como o dramaturgo alemão Bertold Brecht. Diferentes artigos referendaram sua proposta de inovação teatral que se baseava na associação entre a herança cultural de escritores como Goethe e Schiller e um constante experimentalismo artístico originado de uma postura militante em busca da inovação. (EL SIGLO, 13/05/1956, p.2). O escritor chileno Luis Enrique Délano abordou elogiosamente as políticas culturais da República Democrática Alemã (RDA), valorizou as obras de escritores

18 Cabe lembrar que, em junho de 1956, Fadeiev suicidou-se, e sua morte foi profundamente lamentada por Pablo Neruda em sua revista literária da época, chamada de *Gaceta de Chile* (jun. 1956, p.5).

19 A expressão “engenheiro das almas” foi cunhada pelo construtivista russo Tretyakov, porém, posteriormente foi atribuída a Stalin devido ao caráter do projeto político-cultural que liderou na URSS. (ROBIN, 1986, p. 37).

comunistas como Anna Seghers, Jorge Amado, Pablo Neruda, Sholokhov, Hamingway, Faulkner, mas destacou Bertold Brecht como o maior artista “realista socialista” do momento. (EL SIGLO, 28/07/1956). Vemos nesta classificação, por um lado, a proposição de uma nova perspectiva para a produção cultural, tendo em vista que Brecht defendia o experimentalismo estético baseado no uso de técnicas estéticas modernas, na promoção de uma representação que atingisse o público pelo efeito de choque, na consideração das diversas possibilidades de se enunciar “verdades”, além de apostar no estranhamento, e não na identificação com a forma, buscando, assim, superar a *mimesis* realista. (NAPOLITANO, 2011, p. 35-36). Mas, por outro lado, exaltá-lo associado à RDA representou a manutenção do vínculo com a política cultural da URSS.

Em 1956, a URSS e, sobretudo, a RDA foram valorizadas no jornal pelo suporte que o Estado proporcionava às diferentes instituições culturais e seus produtores, como, por exemplo, à União de Escritores Soviéticos, ao cinema ou ao teatro. (EL SIGLO, 28/07/1956, p.8). Os elogios ao financiamento estatal da cultura nos países comunistas eram, em geral, seguidos pela observação de que isso não era sinônimo de controle ou nivelamento da criação artística. Em outras palavras, o jornal procurava esclarecer que não havia mais restrições à liberdade de criação, como na época de Stalin.

Há uma preocupação conciliatória implícita nessa abordagem sobre a produção cultural soviética e da RDA que precisa ser destacada, tendo em vista que ela ameniza o caráter rupturista expresso na contestação inicial ao “realismo socialista”.

2.2 A arte para o povo e a originalidade latino-americana

Concomitante ao conjunto de críticas diretas e indiretas às concepções culturais soviéticas da época stalinista, a imprensa do PCCh procurou valorizar ainda projetos culturais que fomentassem a aproximação entre artistas e trabalhadores com base nos seguintes objetivos: democratizar o acesso à cultura, promover uma arte de caráter popular e contrapor-se aos paradigmas acadêmicos. As esferas artísticas privilegiadas para a manifestação dessas propostas foram as artes visuais e a poesia.

O curso de desenho e de pintura chamado “Arte para o povo” e ministrado pela pintora Carmem Cereceda nos sindicatos chilenos representa o modelo de ação cultural amplamente valorizado pelos comunistas em 1956. Segundo o *El Siglo*, o projeto teria se originado do interesse de trabalhadores das minas de carvão e salitre em aprender técnicas de desenho e pintura que os permitissem expressar seus anseios e comunicá-los ao maior número de pessoas possível. Na

avaliação do jornal, os trabalhadores seriam os produtores culturais mais aptos a representar sua própria classe, portanto, era necessário promover esse tipo de iniciativa e estimular os artistas do partido a contribuírem com a formação dos interessados. (EL SIGLO, 08/04/1956, p. 1-2).

O projeto “Arte para o povo” foi se direcionando, gradualmente, para a formação de pintores muralistas, pois, conforme relatou o *El Siglo*, alunos e professores consideravam o mural um suporte privilegiado para a comunicação com a população, através de representações de caráter “realista” e “popular”. Na opinião do jornal, essa experiência contribuiria para a consolidação de um muralismo chileno com caráter de classe, já que se originara de uma iniciativa cultural dos trabalhadores. Essa observação visava diferenciar a experiência muralista dos trabalhadores chilenos daquela representada pelos cânones do muralismo mexicano: no Chile, ao contrário do México, a burguesia não financiava a produção de murais, então era possível proporcionar uma orientação mais progressista e proletária para essa arte. (EL SIGLO, 08/04/1956, p. 2). Em artigos subsequentes, o muralismo continuou sendo referenciado como um meio eficaz de realizar a comunicação entre o artista e o público.

Como resultado da participação ou observação dessas experiências culturais entre acadêmicos e trabalhadores, ou de interesses pessoais de artistas vinculados ao PCCh, nasceram formulações teóricas a respeito do papel do artista e, principalmente, das possibilidades de se forjar uma produção cultural a partir de novas perspectivas políticas.

As declarações de Pablo Neruda proferidas na Argentina foram reproduzidas no *El Siglo* com o título “América para la poesía!” e manifestaram esse caráter propositivo. (EL SIGLO, 08/07/1956, p. 2). O poeta definiu a poesia como uma expressão artística estreitamente vinculada aos sentimentos humanos, e, por isso, deveria sempre ser orientada pela necessidade do indivíduo e da sociedade. A originalidade da expressão poética encontrar-se-ia na tradição cultural latino-americana marcada por uma permanente busca das origens, ou seja, era preciso “descobrir a América e não inventá-la”! No contato com o povo estaria a matéria-prima dessa busca de uma expressão cultural “autêntica”.

Pablo Neruda ressaltou, ainda, que a busca do “autêntico” não significava a negação do papel dos cânones ou do conhecimento acadêmico, apenas representava um modo de evitar uma elaboração poética que não passasse do simples reflexo de tradições externas. Com isso, o poeta concluiu afirmando que o objetivo político de sua proposta cultural era promover a união dos artistas latino-americanos na busca pelo fortalecimento e valorização das manifestações culturais locais e, assim, se contrapor aos valores culturais norte-americanos impostos diariamente através do

mercado. Suas declarações consistiram na defesa explícita do engajamento²⁰ dos artistas na luta pela soberania política e cultural dos países latino-americanos.²¹

2.3 O folclore como objetivo e síntese do projeto político e cultural comunista de 1956

O debate e as transformações das concepções culturais veiculadas na imprensa comunista chilena ao longo de 1956 foram sintetizadas no artigo da revista *Principios* intitulado “Importancia del folklore nacional” e assinado por Reyes.²² (PRINCIPIOS, 10/1956). O texto justifica a temática da seguinte maneira:

Es importante que en los últimos años haya aumentado la preocupación por nuestro folklore, ya que ello significa que existe una real y auténtica toma de conciencia de nuestra nacionalidad. (...)

Antonio Gramsci, fundador del Partido Comunista Italiano, decía que para ser un modesto dirigente de la clase obrera italiana era necesario conocer a fondo por lo menos los últimos cien años de la historia de Italia; y por historia de Italia — entendía Gramsci — no sólo los acontecimientos políticos, sociales y económicos del país, sino que también la historia del arte, de la ciencia, de las instituciones religiosas, etc., y del folklore de su patria.

Este camino, pues, es el único — analizado claro está a través de las premisas teóricas del materialismo dialéctico y con la ayuda de las experiencias prácticas de los países que constituyen el socialismo — que puede llevar al Partido de vanguardia de la clase obrera chilena a inspirarse en la realidad, y mediante ella poder marchar con éxito al futuro. (PRINCIPIOS, oct. 1956, p. 31).

O folclore é então valorizado como um aspecto cultural que daria acesso à realidade popular chilena, definida no trecho como fundamento da nacionalidade. Dessa forma, o conhecimento do folclore tornava-se um pressuposto para a construção de um projeto revolucionário que buscava a identificação com os trabalhadores.

A perspectiva teórica gramsciana, que embasa essa concepção, não buscava no folclore o conteúdo da obra de arte, como faziam aqueles que pensavam a cultura a partir da matriz leninista. Para Gramsci, as representações simbólicas e estéticas folclóricas não adquiriam sentido ideológico pelo seu conteúdo, mas pela maneira como eram incorporadas pelos atores sociais em disputa. A

20 A ideia de engajamento utilizada no texto parte do conceito clássico formulado pelo filósofo francês Jean-Paul Sartre, que definia como intelectual *engajado* aquele que colocava sua produção a serviço de uma causa pública. (SARTRE, 1993). Porém, vale destacar que, para Sartre, apenas o texto em prosa poderia ser *engajado*. Desse modo, sem desconsiderar a origem sartriana do conceito, adotamos a ideia de *engajamento* a partir da formulação mais ampla proposta pelo historiador brasileiro Marcos Napolitano ao definir como *arte engajada* aquela que é fruto do “empenho do artista em prol de uma causa ampla, coletiva e ancorada em ‘imperativo moral e ético’ que acaba desembocando na política, mas não parte dela”. (NAPOLITANO, 2011, p. 29).

21 O caráter anti-imperialista do discurso de Neruda condiz com o papel cultural que ele construiu por meio de sua militância comunista e de sua obra, desde o final dos anos 1930. Ver: Adriane Vidal Costa (2007) e María Luisa Fischer (2008).

22 Assim como nos casos de “J.S” e C. Álvarez, não encontramos maiores informações biográficas a respeito de Reyes.

luta cultural assumia, assim, um papel destacado no processo de consolidação da hegemonia comunista na sociedade civil e, a partir dela, ocorria gradualmente uma maior “abertura às ‘culturas populares’ e a busca de uma expressão ‘nacional popular’ que servisse de base para a ‘frente cultural progressista’”. (NAPOLITANO, 2011, p.32).

A tentativa de apropriação por parte do PCCh da perspectiva teórica gramsciana ficou mais evidente quando Reyes definiu o folclore como uma “cultura não oficial”:

Si partimos del hecho de que la sociedad capitalista está dividida en clases y que estas clases existen dentro de dicha sociedad en contradicción (en lucha, más o menos aguda según las circunstancias) el problema del folklore puede llevarnos mucho más allá. En una sociedad dividida en clases, la cultura se divide por decirlo así, en una cultura “oficial” y en otra “no oficial”. La cultura llamada “oficial”: la Universidad, la Escuela, la Iglesia y otras instituciones, llegan muy poco o a veces no llegan a amplias capas de la población; es decir, a aquellas capas que no poseen medios de producción, y más aún, a aquellas que están alejadas de los centros urbanos. Pero esta masa requiere la cultura, la necesita, y al no ser satisfecha por las capas que detengan el poder, se crea medios culturales para subsistir y desarrollarse; medios culturales a su alcance y con todas las peculiaridades y características de bellezas populares. He aquí el ejemplo de la medicina popular (donde no llegan los medios sanitarios estatales) o la poesía popular (donde el medio artístico “oficial” no alcanza) o la costería popular (donde el mercado fabril no está al alcance) o los cuentos populares (donde la literatura no es difundida). (PRINCIPIOS, 10/1956, p.32)

Com a noção de “cultura não oficial”, pretendia-se substituir o entendimento comum do folclore como algo pitoresco ou exótico pelo sentido “revolucionário” expresso na ideia de que se constituía a partir de necessidades sociais.

A revista *Principios*, que pouca atenção dedicou ao debate cultural ao longo de 1956, encerrou o ano apontando para uma reformulação radical das concepções culturais do PCCh. Aproximando-se da discussão de Neruda sobre o significado político da originalidade cultural nacional e latino-americana, Reyes, na conclusão de seu texto, exalta a variedade do folclore chileno e o fato de que, aí, se encontravam acumulados a sabedoria e o sentido estético do povo desde os tempos mais remotos, o que, segundo ele, precisava ser trazido à luz. Ressalta, ainda, que essas formulações coincidiam com as linhas adotadas no X Congresso do PCCh, realizado no mês de abril de 1956, quando o partido propôs o incentivo ao estudo das manifestações folclóricas nacionais por todos os militantes, como parte da luta de libertação nacional contra a penetração imperialista. (PRINCIPIOS, 10/1956, p. 31-32).

Sem adentrar, neste momento, na análise das possíveis interpretações atribuídas à categoria “folclore” pelos partidos comunistas e, em particular, pelo PCCh, é importante frisar a valorização das concepções culturais de Gramsci na revista teórica do partido já em 1956. Essa postura

demonstra uma iniciativa de mudança dos paradigmas políticos e culturais num sentido que o PCB, por exemplo, só viria a considerar no final dos anos 1960.

3. Pela “via pacífica” e contra o “realismo socialista”?

Identificamos, nesta análise, ainda parcial, do impacto do XX Congresso no PCCh, um movimento crítico que, em termos político-ideológicos, partiu da crítica e da explicação dos erros teóricos e práticos de Stálin e chegou ao reconhecimento da nova estratégia política adotada pelo PCUS — a “via pacífica” — como uma alternativa revolucionária correta. Já no campo cultural, o movimento foi outro. Partiu-se de um discurso rupturista em relação ao paradigma do “realismo socialista” que culminou em uma proposta preocupada com as raízes populares da cultura nacional.

Entendemos que a manutenção de uma linha política alinhada à União Soviética na defesa da “via pacífica” não contrariava a promoção de rupturas em termos de concepções culturais, quer no sentido crítico (contra o “realismo socialista” stalinista), quer nos paradigmas teóricos valorizados (Gramsci). É preciso considerar que, nas avaliações das duas esferas, prevaleceu a preocupação do partido com as condições nacionais de construção de seu projeto revolucionário. Traço que o acompanha desde sua fundação em 1922²³ e que culminou tanto na importância política e doutrinária dos comunistas na formulação da “via chilena para o socialismo”, quanto na vitória de Salvador Allende em 1970.

23 O PCCh originou-se tendo como base o operariado chileno organizado no Partido Operário Socialista (POS), que existia desde junho de 1912. Seu principal fundador foi Luis Emilio Recabarren. Tal mudança, apesar de não ter gerado cisões profundas na organização, ocasionou uma maior integração do partido com as discussões internacionais e a reorientação da estrutura partidária e de seus métodos de trabalho segundo a concepção leninista de partido. Ver: Jaime Massardo (2008).

Bibliografia

- AMADO, Jorge. *Navegação de Cabotagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BARBOSA, Julia Monnerat. *Militância Política e produção literária no Brasil (dos anos 30 aos anos 50): as trajetórias de Graciliano Ramos e Jorge Amado e o PCB*. 2010. Tese (Doutorado em História) — UFF, Rio de Janeiro, 2010.
- BORGES, Elisa de Campos. *O projeto da via chilena ao socialismo do Partido Comunista chileno: “Nem revisionismo, nem evolucionismo, nem reformismo, nem cópias mecânicas”*. 2005. 238 f. Dissertação (Mestrado em História) — Setor de Ciências Humanas, PUC-SP, São Paulo, 2005.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Os intérpretes das luzes. Liberalismo e imprensa paulista (1920-1945)*. 1996. Tese (Doutorado em História Social) — FFLCH-USP, São Paulo, 1986.
- CASALS ARAYA, Marcelo. *El alba de una revolución. La izquierda y el proceso de construcción estratégica de la “vía chilena al socialismo”*. 1956-1970. Santiago de Chile: LOM, 2010.
- CORVALÁN, Luis. *De lo vivido y lo peleado*. Memorias. 2 ed. Santiago de Chile: LOM, 1997.
- DAIRE T., Alonso. La política del Partido Comunista de la post-guerra a la Unidad Popular. In: VARAS, Augusto, RIQUELME, Alfredo; CASALS, Marcelo (Orgs). *El Partido Comunista en Chile. Una historia presente*. Santiago de Chile: Catalonia, 2010. p. 121-172.
- HUNEEUS, Carlos. *La guerra fría chilena. Gabriel González Videla y la ley maldita*. Santiago: Debate, 2009.
- MASSARDO, Jaime. *La formación del imaginario político de Luis Emilio Recabarren*. Contribución al estudio crítico de la cultura política de las clases subalternas de la sociedad chilena. Santiago de Chile: LOM, 2008.
- MILOS, Pedro. *Frente Popular en Chile (1935-1938)*. Santiago de Chile: LOM, 2008.
- MORAES, Denis. *O imaginário vigiado. A imprensa comunista e o realismo socialista no Brasil (1947-1953)*. Rio de Janeiro: José Olympo, 1994.
- MOULIAN, Tomás. *Fracturas. De Pedro Aguirre Cerda a Salvador Allende (1938-1973)*. Santiago de Chile: LOM, 2006.
- NAPOLITANO, Marcos. A relação entre arte e política: introdução teórico-metodológica. *Temáticas*, IFCH - UNICAMP, n. 38-39, p. 25-56, 2011.
- NERUDA, Pablo. *Confesso que vivi*. Memórias. Trad. Olga Savary. São Paulo: Círculo do Livro S.A. s/d.
- PRIESTLAND, David. *Bandera Roja*. Historia política y cultural del comunismo. Trad. Juanmari Madariaga. Barcelona: Crítica, 2010.

- ROBIN, Regine. *Le réalisme socialiste. Une esthétique impossible*. Paris: Payot, 1986.
- SANTOS, Raimundo. Crise e pensamento moderno no PCB dos anos 50. In: *História do Marxismo no Brasil — Volume I: o impacto das revoluções*. Campinas: UNICAMP, 2007. p. 199-228. (Coleção Repertórios)
- SARTRE, Jean-Paul. *O que é literatura*. São Paulo: Ática, 1993.
- STRADA, Vittorio. Do “realismo socialista” ao zdanovismo. In: Hobsbawm, Eric (Org). *História do Marxismo*. São Paulo: Paz e Terra, 1987. p. 151-220. v. 8.

Relação das Fontes (organizadas na ordem de publicação)

El Siglo

- CORVALÁN, Luis. Acerca de Stalin. *El Siglo*. Santiago de Chile, n. 1.215, p. 4, 21 marzo 1956.
- MUCCHI, Gabriel. Arte y tendencia. *El Siglo*. Santiago de Chile, n. 1.219, p. 2, 25 marzo 1956.
- Lo que efectivamente se dijo en el XX Congreso del PC de la URSS. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.219, p. 12, 25 marzo 1956.
- Pintura para el pueblo. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.231, p. 1-2, 8 abr. 1956.
- La pintura mural, objetivo central del grupo de arte. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.231, p. 2, 8 abr. 1956.
- Lo que efectivamente se dijo en el XX Congreso del PC de la URSS: elevación del nivel de vida y cultural del pueblo. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.245, p. 8, 20 abr. 1956.
- Escritores de Alemania Democrática celebran congreso. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.268, p. 2, 13 mayo 1956.
- FOSTER, William Z. La revalorización de la obra de Stalin. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.275, p. 2, 20 mayo 1956.
- CODOVILLA, Victorio. Stalin y algunos problemas. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.288, s/p., 1 jul. 1956.
- HERMANN, J. M. La “operación Stalin”. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.290, p. 3, 3 jul. 1956.
- NERUDA, Pablo. América para la poesía! *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.296, p. 2, 8 jul. 1956, (Declarações publicadas na revista argentina Plática, em abril de 1956)
- ALVAREZ, C. Poesia en la calle. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.296, p. 3, 8 jul. 1956.
- Como protege la URSS el cine y el teatro. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.311, p. 8, 24 jul. 1956.
- Cómo y por qué surgió el culto a la personalidad. (III). *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.314, p. 2, 27 jul. 1956.

Cómo y por qué surgió el culto a la personalidad. (IV). *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.315, p. 2, 28 jul. 1956.

DÉLANO, Luis Enrique. Viaje por Alemania Oriental. Conversaciones con escritores. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.315, s/p., 28 jul. 1956.

COURTADE, Pierre. El Affaire Stalin. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.355, p. 3, 6 sept. 1956.

“La Derrota”, de Fadeiev. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.407, p. 2, 28 oct. 1956.

Chernichevsky, un precursor del realismo socialista. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.421, 11 nov. 1956.

JUANES, Juan. Nuevo Mural en una escuela chilena: El realismo gana outra batalla. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1.428, p. 4, 18 nov. 1956.

ITURRA, Julio. Un balance de 365 días de la política internacional: 1956, año del XX Congreso. *El Siglo*, Santiago de Chile, n. 1471, p. 3, 31 dic. 1956.

Principios

El XX Congreso del Partido Comunista de Unión Soviética. *Principios*, Santiago de Chile, n. 34, p. 20-21, marzo-abr. 1956.

El problema del culto a la personalidad. *Principios*, Santiago de Chile, n. 36, p. 1-3, sept. 1956.

REYES. Importancia del folklore nacional. *Principios*, Santiago de Chile, n. 37, p. 31-32, oct. 1956.

Gaceta de Chile

Alexander Fadeiev y familia. *Gaceta de Chile*, Santiago de Chile, n. 4, p. 5, jun. 1956.

Araucaria de Chile

Sesenta años del Partido Comunista de Chile. Mesa redonda con su Comisión Política. *Araucaria de Chile*, Madrid, n. 17, p. 23-75, 1982.